

ALDIR BLANC

EM PARCERIA COM JOSÉ REINALDO MARQUES

Vasco

A CRUZ
DO BACALHAU



Ediouro

Vasco

A CRUZ DO BACALHAU

PARTE I

A TUA FAMA ASSIM SE FEZ

"QUANTAS GLÓRIAS A LEMBRAR"

A história do Club de Regatas Vasco da Gama é heroica e vibrante. Vários são os momentos marcantes que envaidecem os vascaínos desde a sua fundação, em 1898, como os 16 títulos consecutivos comemorados no remo de 1944 a 1959.

A popularidade crescente do Vasco é exatamente proporcional às suas conquistas nas mais variadas modalidades de competições esportivas. Pense em um tipo de esporte, da columbofolia (tiro ao pombo) às competições náuticas, e o Vasco irá figurar com destaque como um grande colecionador de troféus. Nas contas cruz-maltinas são mais de três mil, que o torcedor do Vasco admira como uma coleção invejável – que abriga milhares de placas, medalhas, flâmulas e taças – exibida com orgulho em uma sala localizada próximo à entrada principal da sede do clube.

Dono de uma imensa torcida e de um complexo esportivo que reúne 47 imóveis, numa área de aproximadamente 90 mil metros quadrados, o Vasco da Gama, de maneira alguma, pode ser considerado um clube meramente esportivo. Uma tradição que o acompanha desde a sua estreia no futebol é de não virar as costas para a classe menos favorecida da população. Essa postura contribuiu para que a viagem do Vasco da Gama, iniciada no final do século XIX, da sua sede em um imóvel alugado na rua Santa Luzia, no Centro da

cidade, até São Januário, no bairro de São Cristóvão, seja digna de um Camões, com palito no dente e arruda atrás da orelha. Tanto é que vai merecer aqui um capítulo à parte.

É bem verdade que um livro, independentemente da sua importância, ainda é um espaço modesto para o registro das glórias do Vasco da Gama. Foi inaugurado como Clube Regatas, depois do Botafogo (1894) e do Flamengo (1895), mas, após faturar o seu primeiro título náutico, em 1905, jamais saiu do pódio. Ao futebol aderiu em 1915, e logo conquistou o seu primeiro título em 1923, estando entre os primeiros do ranking do país até agora.

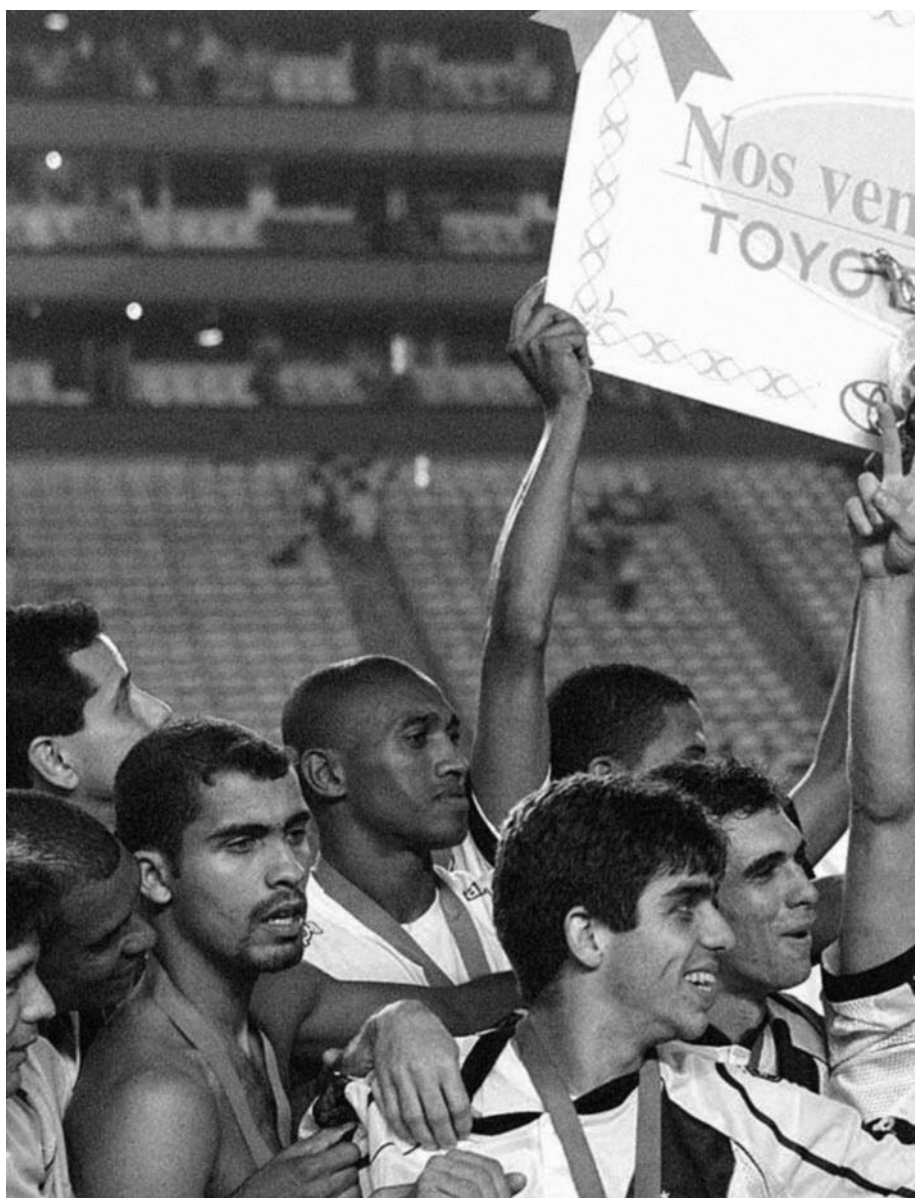
Além das conquistas na área do desporto, o Vasco é também o primeiro clube de futebol do Rio a ver seu nome vinculado a vitórias no campo social e a importantes episódios culturais e políticos, como aconteceu durante o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas. Foi o Vasco que, na década de 1920, bateu de frente contra o preconceito e o racismo manifestados nos ambientes dos grandes clubes cariocas, comandados pela elite. O Vasco não se intimidou. Manteve suas portas abertas para todas as classes sociais, quando o futebol só podia ser praticado pelos meninos ricos e filhos da classe média. Firmes nessa posição, os vascaínos acabaram pagando um preço bastante alto.

Este é um marco tão importante, dentre tantas outras glórias cruz-maltinas, que completamos esta introdução lembrando o samba inédito *Campeão dos campeões*, do compositor vascaíno Nei Lopes, em parceria com o tricolor Wilson Moreira, que deveria ter sido lançado juntamente com um projeto comemorativo do Centenário do Vasco, em 1998:

Era o quarto centenário
Das conquistas do navegador

Quando no mar, depois na terra,
A Cruz-de-malta rebrilhou.
Lutando contra os preconceitos
Contra a discriminação
Nasceu o Vasco da Gama
Super, supercampeão.

Ontem, hoje ou amanhã,
Quantas glórias a lembrar
Expresso da Vitória,
Campeão de terra e mar.
À sombra desta cruz
Lusitana e tão nobre
Foi que o negro e o pobre
Puderam mostrar
O quanto têm pra dar.
Se já tivemos Pelé
E o futebol é o que é
Arte de 100 milhões
É graças a esta velha chama
Que fez do Vasco da Gama
Campeão dos campeões.



Jogadores comemoram a conquista do título na final da Libertadores da América, em 1998,



em que o Vasco venceu o Barcelona de Guayaquil, do Equador, por 2 x 1

NEM PEDRO NEM SANTA CRUZ: O NOME É VASCO DA GAMA

A criação do Vasco lembra a dos grandes partidos revolucionários que abalaram os séculos XIX e XX. Nasceu de um ideal e já nas duas primeiras décadas de existência atraía a atenção das massas, quebrando assim uma tradição no âmbito dos esportes que até então eram praticados na cidade do Rio de Janeiro. Outro dado importante sobre a criação do Vasco é que a sua data de nascimento coincide com importante período histórico brasileiro: em 1898 a abolição da escravatura completava dez anos; em 1899, ou seja, um ano depois da fundação do clube, o país registrava também dez anos do fim do Regime Monarquista. O Vasco surgiu e se tornou grande ainda no período da Primeira República (1889-1930), que, na opinião dos historiadores, ficou marcado por muitas disputas políticas, principalmente entre os republicanos e os simpatizantes do recém-derrubado governo imperial.

Na época em que o Vasco da Gama foi fundado eram o turfe, o ciclismo e o remo as modalidades esportivas que seduziam os jovens na capital da República. Uma curiosidade deste “antes e depois” é que o segundo maior clube de turfe do Brasil foi criado em 6 de março de 1885, o Derby Club. Durou 47 anos. Ficava numa grande área, onde hoje é o Estádio Mário Filho, o Maracanã.

D. Pedro II ainda era regente quando no Brasil surgiram as primeiras agremiações, que tiveram grande influência dos esportes náuticos. Neste contexto se encontravam os jovens Henrique Ferreira Monteiro, José Alexandre d'Avellar Rodrigues, Luís Antônio Rodrigues e Manuel Teixeira de Sousa Júnior, que se reuniram e fundaram o então Club de Regatas Vasco da Gama.

Corria o dia 21 de agosto de 1898. Dizem que o recém-fundado clube de regatas poderia ter-se chamado Santa Cruz ou Pedro Álvares Cabral, mas a colônia portuguesa na capital da República ainda respirava a aura festiva das comemorações do IV Centenário da Descoberta, pelo navegador Vasco da Gama, do Caminho Marítimo para as Índias.

Consta nos registros da história cruz-maltina que os quatro rapazes que inauguraram a trajetória vascaína eram adoradores do remo e costumavam se deslocar para Niterói, para praticarem o seu esporte preferido. Nos fins de semana, embarcados na canoa Iracema, atravessavam a baía para participarem de regatas com amigos no Club de Regatas Gragoatá. No entanto, acreditavam na criação de um clube de remo que pudesse dar vazão a seu entusiasmo pelos esportes náuticos e também representar a classe comerciária portuguesa. A partir daí deram início às reuniões de adesão, na casa de um dos parceiros, num sobrado na rua Teófilo Otoni, nº 80, no Centro do Rio de Janeiro, para a fundação do Club de Regatas Vasco da Gama.

A reunião preparatória para a fundação do clube se deu na sede do Clube Dansante (sic) e Recreativo Estudantina Arcas Comercial, localizado num sobrado da rua São Pedro, esquina com a rua dos Andradas. Foi José d'Avellar Rodrigues quem tomou a iniciativa de colher as assinaturas, em busca de adesão para a criação do clube.

Já a assembleia que oficializou a fundação da agremiação cruz-maltina aconteceu na sede do Clube Dramático Filhos de Talma, palco de apresentações de atores teatrais, que ficava na rua da Saúde, nº 293.* De acordo com os registros sobre o ato pesquisados em arquivos do próprio Vasco, a ata de fundação teve 62 assinaturas. A reunião foi presidida por Gaspar de Castro e teve como secretários Virgílio Carvalho do Amaral e Henrique Teixeira Alegria. Importante registro constante da ata da assembleia: o nome do Club de Regatas Vasco da Gama jamais poderia ser alterado e motivo algum mudaria as cores, aprovadas naquela assembleia.

Com Francisco do Couto na presidência, ficou assim constituída a primeira diretoria do clube cruz-maltino: vice-presidente, Luiz Antônio Rodrigues; primeiro-secretário, José Beliani Salgado; segundo-secretário, João Candido de Freitas; diretor de Regatas, Antônio Martins Ribeiro; primeiro-tesoureiro, Henrique Lagden. Conselho Fiscal: José de Souza Rosas, Alberto Pinto Carvalho de Almeida, Manuel Ferreira de Souza Júnior, José Alexandre d'Avellar Rodrigues e Luiz de Carvalho. Na posse dos dirigentes eleitos, o sócio-fundador Henrique Lagden propôs a eleição de uma Comissão de Estatutos. Foi aceita por aclamação pelos associados, trazendo

* N.A.: Documentos que mencionam o ato de fundação do Club de Regatas Vasco da Gama citam que este ocorreu na sede da Sociedade Dramática Filhos de Talma, na rua da Saúde, nº 293. Entretanto, uma publicação oficial do clube (revista *Super Vasco*, ano do tri, Ano I, nº 1, 1983) põe dúvida sobre o endereço. Foi feita uma pesquisa no livro de atas da diretoria da entidade no período de fundação do Vasco e nele não há referência de que tenha tido alguma atividade em outro local diferente do prédio da rua do Propósito, nº 12, localizado próximo à Praça da Harmonia. Nesse endereço, segundo a fonte, é que funcionava a Sociedade Dramática Filhos de Talma, desde a sua fundação em 1897.

para o cargo José Lopes de Freitas, Virgílio Carvalho Amaral, Francisco França do Nascimento, Vicente Alves Cruz e Heitor Gama.

Coube a José Lopes de Freitas a responsabilidade pelos símbolos do clube, bandeira e flâmulas. No dia em que solicitou a sua filiação na União de Regatas Fluminense, houve a apresentação do uniforme que viria a ser usado pelos remadores: boné, calções, sapatos e camisa pretos. Sobre o peito dos remadores uma faixa em diagonal, na cor branca, onde se acrescentava uma cruz vermelha. As meias eram brancas e o boné tinha uma borda preta e branca. Com relação à cruz houve uma curiosidade: na verdade, o símbolo que o navegador Vasco da Gama aplicava nas suas embarcações e nos seus estandartes era a Cruz da Ordem de Cristo. Acabou sendo incorporada pelos vascaínos uma cruz que mereceu a denominação de Cruz-de-malta. Na realidade, a cruz que acabou sendo transformada no símbolo do clube não tem nada a ver com a verdadeira Cruz-de-malta – conhecida também como Cruz de São João –, cujo desenho é chanfrado nas extremidades.

Sob a presidência de Francisco do Couto Júnior deram-se os primeiros passos na organização. Nessa época o clube era dividido em duas sedes: uma social e outra administrativa, que funcionava no sobrado da rua da Saúde, no bairro de Nossa Senhora da Saúde, em frente ao Largo da Imperatriz, nas proximidades dos morros São Bento e da Conceição e do cais, hoje conhecido como Praça Mauá. Neste mesmo local, o Vasco foi reverenciado pelos clubes de remo da cidade. Os remadores, vestidos com os uniformes dos seus clubes, organizaram uma “navegata”, desfilando as embarcações até a sede vascaína, onde promoveram uma coreografia com os remos agitados ao alto para saudar o recém-criado clube de regatas cruz-maltino. A outra sede, onde com o remo começavam a se estrutu-



Campeonato de regatas na enseada de Botafogo, em 1905

rar as atividades esportivas náuticas, ficava instalada na Travessa Maia, próximo à Baía de Guanabara, na orla do Passeio Público e de Santa Luzia. Ali, com a ajuda dos primeiros sócios, o Vasco inaugurou a garagem para abrigar seus primeiros barcos.

Mas nem tudo foi calma nos meses que se seguiram ao ato de fundação do Vasco da Gama. Começaram a acontecer alguns desentendimentos, envolvendo dirigentes e sócios, por causa da proposta de um grupo que queria a mudança da sede para juntar-se ao Clube Dansante e Recreativo Estudantina Arcas Comercial. Isso desagradou a Francisco Couto, que se retirou da presidência do Vasco, e com o apoio de um grupo de associados foi fundar o Club de Regatas Guanabara.

Com relação à localização da sede, a única coincidência entre as partes dissidentes era que o Vasco realmente precisava de um local que oferecesse, além de melhores instalações para associados e dirigentes, comodidades e condições ideais para o desenvolvimento das guarnições de remadores. No entendimento geral, o clube do Vasco, continuando instalado na sede da Ilha das Moças, estaria

condenado ao “desaparecimento”. A discórdia residia mesmo na escolha do novo local. Uma corrente se mostrava favorável à mudança para área do Boqueirão-Passeio. A outra corrente, tendo à frente o presidente Francisco do Couto, votou pela transferência para a Enseada de Botafogo. Como não se chegava a um acordo, os dirigentes vascaínos resolveram promover uma assembleia geral para decidir a pendenga.

O clima entre os membros da diretoria ficou bastante agitado. Francisco do Couto apresentou a proposta de o clube vir a ocupar a antiga sede do Velódromo Guanabareense, em Botafogo, que se encontrava disponível. Sua alegação era de que o local oferecia ao Vasco as vantagens que procuravam. A proposta do presidente foi recusada pelos dirigentes Adriano Vieira e Lopes de Freitas, que se manifestaram radicalmente contra a sugestão de Francisco do Couto. Usaram como argumento as dificuldades que os associados do clube, na maioria cidadãos de origem humilde e moradores dos subúrbios, teriam para se locomover até a nova sede, caso o clube viesse a se instalar na Praia de Botafogo. Como se sabe, já naquela época o Rio de Janeiro era uma cidade congestionada, embora o meio de transporte mais utilizado fosse o dos veículos de tração animal. Um deslocamento da Zona Norte, ou mesmo do Centro, para a Zona Sul levava muitas horas.

A argumentação de José Lopes de Freitas e Adriano Vieira, que vinha sendo apoiada por uma forte corrente, mostrava que dessa maneira, além dos associados, os principais prejudicados seriam os remadores. Assim, num clima de muita discórdia, os debates foram encerrados e a assembleia geral, por 28 votos a favor e duas abstenções, deu fim à peleja e não aprovou a mudança da sede do Vasco para o bairro de Botafogo.

A decisão causou um problema: algumas fontes acreditam que esse foi o verdadeiro motivo do afastamento de Francisco do Couto da presidência do Vasco. Insatisfeito com o resultado da assembleia ele apresentou a renúncia da diretoria – e o seu próprio afastamento do quadro social. A atitude do antigo dirigente trouxe muita apreensão aos vascaínos, pois tanto ele quanto aqueles que o apoiavam eram proprietários de grande parte dos barcos, materiais e equipamentos esportivos utilizados pelo clube.

Sob essa aura de crise, seguindo as diretrizes do Estatuto, os que ficaram nomearam José Lopes de Freitas, Joaquim de Oliveira Campos e Carlos José Baptista Rodrigues para compor a comissão diretora que iria gerir os procedimentos administrativos do clube até a posse da nova diretoria.

Os novos dirigentes cruz-maltinos foram empossados no dia 16 de julho, em assembleia realizada já na sede da Travessa Maia, ficando assim constituída: João Cândido de Freitas, presidente; Adriano Vieira, vice-presidente; Luiz A. Rodrigues, primeiro-secretário; Adolfo Silva, segundo-secretário; Joaquim de Oliveira Campos, primeiro-tesoureiro; Carlos Rodrigues, segundo-tesoureiro; José de Lopes Freitas, diretor de regatas. Como representantes do clube junto à União de Regatas Fluminense foram indicados João de Freitas, Luiz Rodrigues e Luiz Ribeiro Vianna.

A posse da nova diretoria, pelo menos momentaneamente, trouxe de volta a tranquilidade. Nos registros encontrados no clube consta que, para comemorar o armistício, dirigentes e associados puseram na água a baleeira Vaidosa, com uma salva festiva de três tiros.

Até a data de 1907 o esporte praticado e adorado pelos cruz-maltinos era o remo – aliás, a modalidade esportiva de maior prestí-

gio do Rio de Janeiro. Essa predileção durou de 1902 até 1911, quando o esporte bretão começou a entrar na pauta esportiva da cidade.

Mas há também alguns registros históricos sobre a cidade do Rio de Janeiro, nos quais consta que a apreciação da população pelos esportes náuticos deu-se na segunda metade do século XIX, com a grande movimentação das elites do centro urbano, fugindo dos aglomerados e da insalubridade, em busca do “ar puro” da orla da Baía de Guanabara. O mar passou a ser relacionado com a saúde, já que as regiões urbanas centrais apresentavam muitos problemas de poluição, e a deflagração de doenças epidêmicas. Além disso, o estilo de vida à beira-mar se associava ao modernismo que os republicanos acusavam os monarquistas de não terem conseguido implantar.

Essa transição de comportamento trouxe benefícios ao remo, pois aproximou a classe burguesa desse esporte. Isso fez com que as competições ganhassem mais organização. Aos páreos de remo, compareciam figuras eminentes; o próprio imperador costumava frequentar as regatas.

O VASCO DAS REGATAS

No Brasil, o remo surgiu como competição ainda no século XIX. Consta que no dia 13 de maio de 1888 (data da libertação dos escravos) foi realizada uma regata na enseada de Botafogo, da qual participaram membros das Escolas Militar e Naval. Foi chamada de “Regata da Abolição”, e há registro de que a primeira regata oficial no Rio de Janeiro aconteceu em 5 de junho de 1898.

A história sobre o desenvolvimento do remo no Rio de Janeiro mostra que este esporte começou a ser praticado na cidade a partir de 1846, de acordo com os jornais da época, com uma regata promovida entre as canoas Cabocla e Lambe-água, no dia 20 de agosto daquele ano, e que, em 1849, na enseada de Botafogo, foram organizadas algumas regatas. A Federação de Remo do Rio de Janeiro foi criada em 1897, um ano antes da fundação do Vasco da Gama, e 24 anos depois do surgimento do Club Guanabarenses – o primeiro clube de regatas da cidade, fundado em 9 de agosto de 1874. Posteriormente surgiram o Cajuense, em 1885, o Internacional, em 1887, e a Union de Canotiers, em 1892.

No finalzinho do século XIX aumentava o número de clubes de esportes náuticos na cidade, como o Botafogo (1894), o Flamengo, o Gragoatá e o Icarai, todos em 1895. O Natação e Regatas foi fundado em 1896, e o Boqueirão do Passeio, em 1897. Só depois,

em 1898, chegou a vez do Vasco da Gama, que seguia crescendo, apesar das crises financeiras, impulsionado pela participação ativa dos sócios. No primeiro ano da sua fundação, não participou de nenhuma competição.

Independentemente dos poucos recursos disponíveis, a prioridade dos investimentos, no consenso dos dirigentes e associados, era a aquisição de barcos, visando transformar o Vasco em uma grande potência nas competições náuticas. Para tanto, o clube contou com a ajuda de um ainda pequeno, mas abnegado número de associados, que se cotizaram para adquirir os barcos Zoca, Vaidosa e Volúvel. As três embarcações cumpriam as exigências para que o Vasco pudesse se filiar à União de Regatas Fluminense.

Enquanto tramitava a filiação, o Vasco da Gama inaugurava, na sede do Largo da Imperatriz, a primeira escolinha de remo da cidade, que acabou sendo dirigida pelos treinadores José Lopes e João Candido Freitas. Todas as noites, das 19 às 22 horas, jovens futuros atletas eram iniciados no prestigiado esporte de remo, nas aulas práticas administradas nos botes alugados Vagaroso e Iara.

Instalado em sua sede na Ilha das Moças, área marítima do bairro da Saúde, o remo do Club de Regatas Vasco da Gama prosperou.

Se o caos do Rio de Janeiro hoje é decorrente principalmente da violência do tráfico e da dengue, no passado a cidade já era vítima da sujeira provocada pela contaminação dos esgotos a céu aberto, pela ocupação desordenada de vendedores ambulantes e por carroças puxadas por animais, chegando a ganhar a fama de “cidade pestilenta”, causando grande temor, sobretudo nos estrangeiros. Os cidadãos desta cidade estavam expostos a todo o tipo de contaminação, sendo atacados por epidemias de febre amarela, tifo, varíola e peste bubônica.

Esse quadro começa a mudar quando Rodrigues Alves assume a Presidência da República, em 1902. O novo chefe da nação tinha como ponto de honra do seu governo transformar a cidade do Rio de Janeiro numa grande metrópole. Para isso, tinha que atacar de imediato duas frentes: erradicar os focos das epidemias e reordenar a ocupação urbana da cidade. Afinal, o Rio de Janeiro era o Distrito Federal.

Rodrigues Alves pôs em campo dois importantes colaboradores: o sanitarista Oswaldo Cruz e o engenheiro Pereira Passos. Este último foi o responsável pela grande obra de reconstrução do Rio de Janeiro, que entrou para história como o “Bota-abaixo”. Os historiadores registram que a obra chegou a demolir cerca de 2.700 prédios, e que viria a desencadear a mais complexa reforma e ordenamento urbano que o Rio sofreu no início do século XX.

Ao mesmo tempo que vivia essa transformação, o Rio também tinha sua atenção voltada para o desenvolvimento dos esportes, com destaque para o remo, que nos fins de semana levava legiões de espectadores à orla da Baía de Guanabara. A obra do prefeito Pereira Passos incluía a abertura da avenida Central, o circuito de praias e a avenida Beira-Mar. A revolução urbanística da Prefeitura interferiu duramente no dia a dia dos clubes de remo, cujas instalações eram sediadas na orla da Beira-Mar, e logicamente o Vasco também foi bastante afetado. Primeiro, porque o local conhecido como Saco de São Diogo iria sofrer um aterro, e ali, na Ilha das Moças, ficava a primeira sede social do clube. A saída foi transferir-se para a Travessa Maia, onde ficava a garagem na qual eram mantidos os barcos e as baleeiras. Ali também estavam as sedes próprias do Club de Natação e Regatas, do Club Boqueirão do Passeio e do Club Internacional de Regatas.



Avenida Beira-Mar (década de 1910)

Como já citamos anteriormente, não havia de início um consenso entre os dirigentes vascaínos em relação à nova sede: alguns, como o presidente Francisco do Couto, queriam ir para a Praia de Botafogo; já um outro grupo achava melhor instalar a nova sede na área do Boqueirão do Passeio. Empenhados em que o Vasco funcionasse nas melhores condições possíveis, seus diretores foram conhecer os galpões da Travessa Maia, nº 15. Chegaram a um acordo, mas havia um porém: os donos do lugar, sócios em um comércio na rua do Passeio, exigiam que o clube apresentasse um fiador idôneo. Foi aí que surgiu Joaquim de Oliveira Campos e se ofereceu para fazer a fiança.

Joaquim era um jovem que na época gozava de bastante prestígio. Estava prestes a se tornar um dos donos da casa de comércio em que trabalhava, embora, estranhamente, o nome desse benfeitor não apareça nos registros desses anos de luta.

Em pouco tempo os clubes de regatas tiveram que abandonar a Travessa Maia, pois, em 1903, o “Bota-abaixo” do prefeito Pereira



Palácio Monroe (década de 1910)

Passos para construir a avenida Central fez desaparecer os imóveis que abrigavam os clubes de remo, entre eles o Vasco da Gama. Naquele local, a Prefeitura instalou o Palácio Monroe, local onde até 1922 funcionou a Câmara dos Deputados e, de 1925 a 1930, a sede do Senado Federal. O prédio foi demolido em 1976, por conta das obras do metrô, e o local, transformado em uma grande praça, onde se localiza uma estação de embarque e desembarque de passageiros com o mesmo nome: Cinelândia.

Pelo que se pode apurar em documentos, registros de atas e mesmo em conversas com antigos sócios e beneméritos do clube, o Vasco da Gama, nos anos que se seguiram à sua fundação, enfrentou, como as demais agremiações, diversas crises entre membros das diretorias e associados. Mas o que chama a atenção é que o clube sempre contou com pessoas determinadas em fazer do Vasco uma grande agremiação. E conseguiram.

“REMOS À PROA, MEDALHAS AO PEITO”

Este foi o lema que embalou as gerações de atletas vascaínos nas duas primeiras décadas de fundação do clube. Sem dúvida, a ascensão alcançada pelo clube cruz-maltino entre as principais agremiações desportivas no Rio de Janeiro se deve, em grande parte, ao papel desempenhado pelas guarnições formadas por jovens remadores que o Vasco conseguiu juntar em torno da sua bandeira. Dessa época se destacam os irmãos Joaquim e Antônio Carneiro, que ficaram conhecidos no remo pelos apelidos de Burro e Chorão. Segundo artigo publicado no segundo volume da revista *Super Vasco, ano do tri*, os apelidos nasceram dos diálogos que os dois irmãos costumavam travar enquanto competiam. “Mais rápido, burro!”, dizia Antônio. “Cala a boca, chorão!”, respondia Joaquim. Outro remador de destaque nesse período foi Claudionor Provenzano, também considerado um dos melhores atletas da história do remo brasileiro.

A primeira vitória no remo foi no dia 4 de junho de 1899. A União de Regatas Fluminense promoveu, naquele ano, um evento com um páreo chamado Vasco da Gama. Os cruz-maltinos obtiveram o primeiro lugar no páreo, conquistando uma medalha de prata no campeonato. A guarnição vitoriosa era composta por Adriano Vieira (patrão) e pelos remadores José Lopes de Freitas,

José Cunha, José Pereira Buda de Melo, Joaquim de Oliveira Campos, Antônio Frazão Salgueiro e Carlos Batista Rodrigues. O barco utilizado foi o Volúvel.

Em 12 de agosto de 1900, o Vasco, com o barco Visão, venceu o prêmio Club de Regatas Flamengo.

Dois anos depois, apesar de ter somado algumas vitórias nos páreos disputados nos meses finais do ano, aconteceu uma tragédia que abalou a história do remo. No domingo, 18 de maio, 13 remadores do Vasco partiram para um passeio de barco em direção à praia de Icaraí. Ao chegarem próximo da Fortaleza de Villegaignon, uma ventania virou a baleeira Vascaína. Dos 13 tripulantes, quatro não conseguiram se salvar: Luís Ferreira de Carvalho, Teodorico Lopes Machado, José Pinto e Lourenço Seguro. Os outros nove, como eram bons nadadores, agarraram-se ao casco da embarcação – que foi arrastada pela correnteza até o Forte Gragoatá –, e acabaram sendo ajudados por dois pescadores: José Joaquim de Aguiar Moreno e Antônio Silveira, além do menino Martins de Barros. Os três mereceram, pela coragem, condecorações outorgadas pelo representante do rei de Portugal, D. Carlos, e ganharam títulos de sócios honorários do clube.

Nos sete primeiros anos de sua fundação, o Club de Regatas Vasco da Gama seguiu afirmando sua condição de grande potência dos esportes náuticos do Rio de Janeiro. Entre 1903 e 1904 venceu 16 páreos, e uma das vitórias mais importantes foi a Prova Clássica Sul-Americana de 1904, com o barco Albatroz.

Nesse mesmo ano, o Rio de Janeiro era uma cidade com 730 mil habitantes, e o prefeito/engenheiro Pereira Passos, com carta branca do presidente Rodrigues Alves, colocava em prática os seus planos de remodelação da capital federal. Um a um foram sendo

derrubados cortiços e prédios antigos; aterrados charcos e regiões pantanosas, para dar lugar a ruas bem pavimentadas que permitissem a livre circulação de homens e mercadorias. Foi nesse mesmo ano que a Prefeitura inaugurou o primeiro trecho da avenida Central, hoje denominada avenida Rio Branco.

A remodelação do Rio de Janeiro, se por um lado, a médio e a longo prazos, trouxe benefícios, também gerou muito desgaste para o presidente Rodrigues Alves, que sofreu duros ataques da oposição e, de quebra, era malvisto por grande parcela da população. A maior bronca vinha principalmente daqueles que foram desalojados de seus abrigos, nos aglomerados do Centro da cidade, pelos operários do prefeito Pereira Passos, de forma arbitrária e, em alguns casos, até violenta, sendo obrigados a se transferirem para regiões periféricas nos morros, construindo suas residências em favelas, que se expandiriam a partir dessa época.

Por outro lado, o Rio de Janeiro, a partir do intenso processo de reurbanização, ganhou facilidades de tráfego e embelezamento, que incluíram a orla da Baía de Guanabara e a enseada de Botafogo, com a construção da avenida Beira-Mar. Nesse período, o prefeito Pereira Passos mandou construir no local o Varandim das Regatas. Assim foram criadas as possibilidades para que os esportes náuticos iniciassem sua história de expansão. Os páreos de remo começaram a atrair a atenção da população. No livro *Memória social dos esportes: São Januário, arquitetura e história*, Clara e Hamilton Malhano contam que:

Em verdade, os campeonatos de remo atingiriam seu máximo esplendor à época de Pereira Passos, engenheiro prefeito que construiria, na Praia de Botafogo, um pavilhão de Regatas, mais conhe-

cido por Varandim das Regatas, hoje desaparecido. Nesse cenário, as grandes provas seriam precedidas de curso de automóveis, realizado na avenida Beira-Mar, recentemente aberta, e uma procissão de barcos festivos, da qual participariam, inclusive, algumas barcas da Cantareira, que levariam espectadores ao som de conjuntos musicais dançantes.

O prefeito foi mais longe. Acreditou que os esportes náuticos poderiam ser uma das pontes de que a Prefeitura necessitava, os alicerces da reforma de adequação urbana da cidade. Algumas iniciativas demonstram sua predileção pelo remo. Sob sua batuta, podemos ressaltar, por exemplo, além da já citada construção do Varandim das Regatas, a implementação de facilidades alfandegárias para a importação de peças e embarcações pelos clubes e as autorizações de auxílios financeiros.

Ainda em 1904, por meio de um decreto presidencial, o Vasco e os outros clubes náuticos, despejados por causa das demolições da Prefeitura, ganharam um novo local para instalar suas sedes, nas praias do Boqueirão e de Santa Luzia. A situação financeira dos vascaínos não era das melhores, o que não permitia que o clube construísse uma sede própria. A diretoria vascaína desistiu do terreno, cedido pelo governo federal, e a solução foi se instalar em um imóvel alugado na rua Santa Luzia. Porém, as dificuldades financeiras não impediram que o Vasco da Gama, em 1905, conquistasse o seu primeiro campeonato carioca de remo.

A competição aconteceu em 24 de setembro, organizada pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo. Das cinco provas realizadas, o Vasco chegou em primeiro lugar em três, ficando em segundo nas outras duas. Naquela época, as provas costumavam

ter o nome dos próprios clubes competidores e o primeiro páreo vencido pelo Vasco intitulava-se Club de Regatas Botafogo. Os heróis dessa importante conquista cruz-maltina foram os remadores Abel Costa, Albano Pereira da Fonseca, Antônio Carneiro, Antônio Contins, Antônio Damaso, Antônio Pateira, Carlos Leal Sobrinho, Delfim Leite, Deodato Pacheco, Eduardo Soares, Ernesto Flores Filho, Eugênio Monteiro, Joaquim Carneiro Dias, José Alves Pinto, José da Silva Campos, Júlio de Araújo Ribeiro, Lucindo Saroldi, Manoel Costa Filho e Manoel Ramos. Os barcos utilizados nessa travessia vitoriosa foram Albatroz, Voga, Açor, Gladiador e Procelária.

Para o Vasco, a conquista do primeiro campeonato da cidade, naquele ano de 1905, que coincidiu com a ocupação da nova sede, na rua Santa Luzia, inspirou as inúmeras vitórias que se sucederam nas temporadas seguintes. O clube cruz-maltino voltou a ser campeão carioca em 1906 e chegou em primeiro lugar em diversas outras regatas organizadas pelos clubes Gragoatá e Boqueirão do Passeio. Para encerrar o ano com chave de ouro, deu outra lavada nos rubro-negros, ao vencer, pela segunda vez, o páreo Club de Regatas Flamengo.

Nas três primeiras décadas do século XX, o Vasco seguiu impondo conquistas e respeito aos adversários. Na década de 1920, o clube conseguiu reunir um grande número de jovens, ainda que, para se tornar um atleta vascaíno o jovem precisasse, obrigatoriamente, ser associado do clube, pagar, do próprio bolso, 5 mil réis para a prova que valia a medalha de prata e 10 mil réis para a de ouro.

Foi o remo que deu impulso ao Vasco da Gama. O esporte passou a ser o grande fator de convívio social do clube. Era comum encontrar, naqueles tempos, nos fins de semana, depois das provas,

famílias inteiras de associados reunidas em piqueniques, na Ilha do Engenho, fora dos limites da cidade.

De 1912 a 1914 as guarnições de remo cruz-maltinas, equipadas com os barcos Pereira Passos e Meteoro, reinaram absolutas nas águas do Distrito Federal – quando o clube conquistou o primeiro tricampeonato de remo da história da cidade e levou para a sua sede o Troféu L'Epave, criado pela União de Regatas Fluminense para premiar o clube que conseguisse o feito de conquistar três títulos consecutivos.

A supremacia vascaína no remo ficou ainda mais patente entre os anos de 1927 e 1932, época em que o Vasco ganhou todos os torneios realizados no período. Em seguida, o Club de Regatas Vasco da Gama se tornou protagonista de uma performance inédita ao ganhar 16 títulos consecutivos. Foi um dos primeiros períodos de ouro do clube de São Januário, comemorados nos anos de 1934 a 1939, e de 1944 a 1959. Os remadores Mocotó, Raphael Verry, Chico, Sentinela, Eugênio Soares e Amaro Miranda da Cunha são alguns dos atletas responsáveis por ter o clube alcançado esse recorde.

No período de 1934 a 1937 foram organizados dois torneios paralelos na cidade. O Campeonato da Federação Carioca de Remo, do qual o Vasco da Gama participou e venceu todos os páreos, e o da Liga Carioca de Remo, onde estava o Flamengo.

As marés de boas vitórias para os remadores do Vasco não pararam mais. Nas provas com barcos 4 sem timoneiro e 4 com timoneiro, os atletas vascaínos venceram importantes competições internacionais, como os títulos sul-americanos. Nas guarnições do 4 sem timoneiro estavam: Lon Menezes, Manuel Armando Figueiredo, João Calixto e Mario Lamosa. Na embarcação 4 com timoneiro, os remadores Nelson Guarda, João Calixto, Manuel

Armando, Arlindo Schmidt e, como timoneiro, Adriano Soares. No mesmo ano, o Flamengo venceu uma prova do torneio sul-americano com um barco 8 com timoneiro, que a imprensa da época chamava de Transatlântico de Luxo. Aí a moçada do Vasco pôs na água um 8 com timoneiro que foi apelidado de Torpedo, numa alusão ao barco dos rubro-negros, que até então era o favorito da mídia para a prova que viria a ser disputada entre os rivais. Só que o Torpedo, tripulado pela guarnição formada por Lon Menezes, Mario Lamosa, João Calixto, Manuel Armando, Rui Kooper, Nelson Guarda, Cecílio, Sílvio e o timoneiro Adriano Soares “afundou” o Transatlântico de Luxo, em mais uma vitória acachapante do remo cruz-maltino em cima do Flamengo.

Este foi o 11º título consecutivo conquistado pelo Vasco. A prova foi realizada no dia 28 de novembro de 1954, na raia da Lagoa Rodrigo de Freitas. O Botafogo foi o segundo colocado e o Flamengo ficou em terceiro. Por mais esse feito inédito, os vascaínos foram bastante cumprimentados, merecendo inclusive a saudação dos rubro-negros, que enviaram um ofício (encontrado entre os diversos documentos pertencentes ao acervo do clube) ao presidente cruz-maltino, Artur Pires, assinado pelo dirigente Arnaldo Costa:

...Refeito das amarguras sofridas domingo último, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cumpro o dever de enviar a V. S. e bem assim à Divisão de Remo desse valoroso clube os meus mais sinceros cumprimentos pela conquista do Campeonato de Remo do Rio de Janeiro. O brilhante feito dos remadores do Vasco da Gama teve a ressaltá-lo a vitória do “oito” sobre o conjunto do meu clube. Não resta dúvida que V. S. está de parabéns, pois os atletas sob o comando do grande desportista Rafael Verri souberam dignificar o pavilhão cruz-

-maltino. A prova de 'out-riggers' a 8" foi a grande atração do certame último. Os aficionados do remo sabiam que o glorioso Vasco da Gama seria o campeão, todavia reinava expectativa em torno da última prova. Venceu o Vasco da Gama com galhardia e bravura. Derrotou um adversário de grande mérito, daí a grande repercussão que teve em todo o Brasil. Como desportista e ardoroso adepto do remo nacional, rendo sincera homenagem aos integrantes da guarnição vascaína. O feito grandioso desses extraordinários atletas enriqueceu ainda mais o patrimônio de glórias do clube que V. S. dirige com tanta proficiência, e que é sem favor o orgulho do desporto brasileiro ...

A série de títulos consecutivos só foi interrompida em 1960. Em 1961, o Vasco da Gama voltou a conquistar o Campeonato Carioca. Os anos se sucederam e os vascaínos mantiveram a tradição de ser um dos maiores colecionadores de títulos do remo brasileiro em seus mais de 110 anos de história. "Remos à proa e medalhas ao peito": segue o lema, seguem as vitórias.

